

O Estado de S. Paulo

12/1/1985

O clima de guerra continua na cidade

O clima, ontem à noite, ainda era de “guerra” em Sertãozinho, cidade com 55 mil habitantes e a 20 quilômetros de Ribeirão Preto. Centenas de policiais militares, trapas de choque, todos de São Paulo, patrulhavam a cidade, intervindo no precário policiamento local. O comércio — bares e restaurantes — mantinha suas portas fechadas, com os proprietários temendo saques. As usinas produtoras de álcool e açúcar do município reforçaram segurança com guardas fortemente armados protegendo suas instalações contra possíveis invasões. A população da cidade receia que um novo conflito envolvendo os dez mil bóias-frias em greve possa eclodir a qualquer momento.

E o agitado ambiente no Jardim Alvorada — habitado quase exclusivamente por bóias-frias —, com milhares de pessoas ainda nas ruas durante toda noite de ontem (mesmo depois dos graves incidentes que duraram quase sete horas, à tarde, apesar do ostensivo policiamento que ocupou todo o bairro), era o principal gerador do pânico que tomava conta dos moradores do município, acostumado à grande excitação nas ruas apenas quando a seleção de hóquei sobre patins da cidade, campeã brasileira, realizava suas grandes conquistas.

Os moradores mais antigos lembram que a onda de violência passou a ameaçar a cidade recentemente, sobretudo depois da instalação das cinco usinas de açúcar e álcool do município (responsável pela produção de 315 milhões de litros de álcool e de 6,5 milhões de sacas de açúcar), em substituição às lavouras de café e cereais, pois, segundo eles, as destilarias teriam atraído milhares de trabalhadores de outros Estados, elevando o desemprego, além de terem agravado as relações trabalhistas no campo, principalmente na época de entressafra, quando milhares de bóias-frias ficam sem trabalho, nas grandes lavouras de cana-de-açúcar da região.

(Página 11)